

"Uma combinação perspicaz de mistério clássico, sátira e comédia."

– JACQUELINE WINSPEAR

Rhys Bowen

Autora com mais de 6 milhões de livros vendidos

O MISTÉRIO  
DA NOIVA DA  
TRANSILVÂNIA

*Mais um caso da Espiã da Realeza*

# *Agradecimentos*



AGRADEÇO, COMO SEMPRE, À MINHA BRILHANTE EQUIPE na Berkley, à minha editora, Jackie Cantor, e à minha assessora de imprensa, Megan Swartz; aos meus agentes, Meg Ruley e Christina Hogrebe; e aos meus assessores e editores domésticos, Clare, Jane e John.

Um



*Rannoch House*

Belgrave Square

Londres

Terça-feira, 8 de novembro de 1932

Dias de nevoeiro. Presa sozinha na casa de Londres.

Em breve vou perder o juízo.

EM LONDRES, NOVEMBRO É UMA PORCARIA. É, sei que uma dama não deveria dizer esse tipo de coisa, mas não consigo pensar em outro modo de descrever o nevoeiro úmido, arrepiante, denso e amarelado que tomou conta da Belgrave Square na última semana. Nossa residência em Londres, a Rannoch House, não é exatamente quente e alegre nem nos melhores momentos, mas pelo menos é suportável quando a família está aqui, com serviçais por todo lado e o fogo ardendo alegremente em todas as lareiras. Mas, estando apenas eu na casa, sem nenhum criado à vista, simplesmente não havia como me manter aquecida. Não quero que você pense que sou o tipo de pessoa fraca e delicada que está sempre morrendo de frio. Na verdade, quando estou no Castelo de Rannoch, na Escócia, fico entre as mais bem-dispostas. Saio para longas cavalgadas nas manhãs gélidas; estou acostumada a dormir com as janelas abertas o tempo todo. Mas o frio de Londres era diferente de tudo que eu conhecia. Gelava até os ossos. Minha vontade era passar o dia todo na cama.

Não que eu tivesse muitas razões para me levantar no momento, e era só a

educação rigorosa da babá, que não me permitia ficar deitada até mais tarde por nada menos que pneumonia dupla, que me fazia sair da cama de manhã, vestir três blusas de lã e descer correndo para o calor relativo da cozinha.

Nessa manhã específica, eu estava encolhida na cozinha, tomando uma xícara de chá, quando ouvi o som da correspondência matinal caindo no capacho do vestíbulo no andar de cima. Como quase ninguém sabia que eu estava em Londres, isso era um verdadeiro acontecimento. Subi correndo e vi não uma, mas duas cartas no capacho. *Dois cartas, que emoção*, pensei, e depois reconheci a caligrafia fina da minha cunhada numa delas. Ah, caramba, o que é que ela queria? Fig não era o tipo de pessoa que escrevia cartas quando não era necessário. Ela relutava em desperdiçar os selos postais.

A segunda carta fez meu coração gelar ainda mais. Ela exibia o brasão real e vinha do Palácio de Buckingham. Nem esperei até estar de volta ao calor da cozinha. Abri no mesmo instante. Era do secretário pessoal de Sua Majestade, a rainha.

*Cara lady Georgiana,*

*Sua Majestade, a rainha Mary, pede que eu lhe transmita as mais calorosas lembranças e espera que a senhorita esteja disponível para se encontrar com ela no palácio para o almoço na quinta-feira, 8 de novembro. Ela solicita que a senhorita faça a gentileza de chegar um pouco antes, digamos por volta das onze e quarenta e cinco, pois tem um assunto de certa importância para discutir.*

– Ai, puxa vida – murmurei.

Eu precisava perder o hábito de dizer esses impropérios infantis. Talvez precisasse até adotar algumas palavras mais cabeludas para uso estritamente pessoal. Era de se imaginar que um convite para almoçar com a rainha no Palácio de Buckingham seria uma honra. Na verdade, esses convites eram frequentes demais para o meu gosto. Veja bem, o rei Jorge é meu primo em segundo grau e, desde que eu fui morar em Londres, a rainha tinha me incumbido de uma série de pequenas tarefas. Bom, para dizer a verdade, não tão pequenas assim. Eram missões como espionar a nova amiga americana do príncipe de Gales, e alguns meses atrás ela me fez hospedar uma princesa

alemã e seu séquito – o que foi bem estranho considerando que eu não tinha serviçais nem dinheiro para comprar comida. Mas é óbvio que ninguém diz não para a rainha.

Aliás, você pode estar imaginando por que alguém que tem parentesco com a realeza estaria morando sozinha, sem criados nem dinheiro para comprar comida. A triste verdade é que o meu lado da família não tem um tostão. Meu pai gastou a maior parte da fortuna em apostas e perdeu o resto na Queda da Bolsa de 1929. Meu irmão, Binky, o atual duque, mora na propriedade da família na Escócia. Eu bem que poderia morar com ele, mas minha querida cunhada, Fig, tinha deixado claro que eu não era desejada lá.

Olhei para a carta de Fig e suspirei. O que ela poderia querer, afinal? Estava frio demais para continuar no corredor, por isso levei a carta para a cozinha e retomei a minha posição perto do fogão antes de abrir o envelope.

*Cara Georgiana,*

*Espero que você esteja bem e que o clima de Londres esteja mais ameno do que os vendavais que estamos enfrentando no momento. Escrevo para informá-la dos nossos planos. Decidimos passar o inverno na casa de Londres este ano. Binky continua fraco por ter ficado acamado tanto tempo depois do acidente, e Podge teve vários resfriados terríveis, um após o outro; então, creio que um pouco de calor e cultura virão a calhar. Pretendemos chegar à Rannoch House em algum momento da semana que vem. Binky me contou da sua destreza nas tarefas domésticas; assim, não vejo necessidade de pagar as despesas extras do envio de serviçais à nossa frente quando sei que você pode fazer um trabalho esplêndido preparando a casa para nos receber. Posso contar com você, não posso, Georgiana?*

*E, quando chegarmos, Binky acha que devemos organizar algumas festas para você, embora eu tenha lembrado a ele que quantias consideráveis já foram investidas na sua temporada. Ele está ansioso para vê-la bem encaminhada, e eu concordo que, neste momento difícil, seria uma preocupação a menos para toda a família. Eu espero que você faça a sua parte, Georgiana, e não despreze os rapazes que lhe apresentarmos, como fez com o pobre príncipe Siegfried, que parecia um jovem muito bem-educado e*

*pode até, um dia, herdar um reino. Devo lembrar que você não está ficando mais jovem. Quando uma mulher chega aos 24 anos, como você logo chegará, passa a ser vista como solteirona. O viço acaba.*

*Então, por favor, deixe a casa pronta para nós quando chegarmos. Hoje em dia, viajar está muito caro, portanto vamos levar o menor número possível de serviçais. Seu irmão mandou um abraço carinhoso.*

*Da sua leal cunhada, Hilda Rannoch*

Fiquei surpresa por ela não ter assinado também como “duquesa de”. É, Hilda era o nome dela, embora todos a chamassem de Fig. Sinceramente, se o meu nome fosse Hilda, eu também ia preferir que me chamassem de Fig. A imagem dela chegando num futuro próximo me fez agir. Eu precisava me ocupar para não ficar presa naquela casa ouvindo sermões sobre o fato de ser um fardo para a família.

Ter um emprego seria uma ótima ideia, mas eu tinha abandonado toda a esperança de conseguir um. Alguns dos homens desempregados que eu via parados nas esquinas tinham todo tipo de diplomas e qualificações. Minha educação numa escola de boas maneiras exageradamente chique na Suíça só tinha me preparado para andar por aí com um livro equilibrado na cabeça, falar bem francês e saber que assento oferecer a um bispo num jantar. Eu tinha sido treinada para me casar, nada mais. Além disso, a maior parte dos empregos disponíveis seria malvisto para alguém na minha posição. Seria uma decepção para a família se me encontrassem trabalhando atrás de um balcão na Woolworths ou servindo cerveja num pub local.

Um convite para um lugar distante – era disso que eu precisava. De preferência, um convite para Timbuktu ou, no mínimo, uma vila no Mediterrâneo. Isso também me livraria de qualquer sugestão que a rainha quisesse me fazer. “Lamento, madame. Eu adoraria espionar a Sra. Simpson, mas estão me esperando em Monte Carlo no fim da semana.”

Havia apenas uma pessoa em Londres a quem eu podia recorrer em circunstâncias tão extremas: Belinda Warburton-Stoke, minha velha amiga da escola. Belinda é o tipo de pessoa que sempre dá um jeito de cair de pé – ou, no caso dela, deitada. Ela vivia recebendo convites para festas e cruzeiros em iates – porque é muitíssimo atrevida e sensual, veja você, ao contrário de mim, que ainda não tive chance de ser nem atrevida nem sensual.

Algumas semanas atrás, quando voltei do Castelo de Rannoch para Londres, fui ao chalé de Belinda em Knightsbridge, mas encontrei o lugar fechado e sem nenhum sinal da minha amiga. Imaginei que ela tivesse ido para a Itália com o namorado da vez, um lindo conde italiano, que infelizmente estava noivo de outra pessoa. Havia a possibilidade de ela já ter voltado, e a situação era urgente o bastante para justificar o risco de eu sair no meio de um nevoeiro horroroso. Se havia alguém que saberia como me salvar de uma Fig iminente, era Belinda. Por isso, me embrulhei em camadas de agasalhos e saí. Céus, que atmosfera sobrenatural. Todos os sons estavam abafados, e o ar, impregnado pela fumaça de milhares de aquecedores a carvão, deixava um gosto metálico repugnante na boca. As casas ao redor da Belgrave Square tinham sido engolidas pelas trevas, e eu só conseguia distinguir as grades em torno dos jardins no meio dela. Parecia não haver mais ninguém na rua enquanto eu contornava a praça com cuidado.

Houve vários momentos em que quase desisti, dizendo a mim mesma que seria perda de tempo, pois não havia a menor chance de uma mocinha esperta como Belinda ficar em Londres num clima como aquele. Mas segui em frente, obstinada. Nós, os Rannochs, somos conhecidos por não voltar atrás, quaisquer que sejam os obstáculos. Pensei em Robert Bruce Rannoch, que continuou a subir pelas planícies de Abraão, no Quebec, depois de levar vários tiros, chegou ao topo com mais buracos do que um escorredor de macarrão e ainda conseguiu matar cinco inimigos antes de morrer. Não é lá uma história muito alegre, eu acho. A maioria das histórias dos meus ancestrais galantes termina com a morte do ancestral em questão.

Demorei algum tempo para perceber que estava totalmente perdida. O chalé de Belinda ficava a apenas algumas ruas da minha casa, e eu estava andando havia séculos. Eu sabia que precisava me deslocar com cuidado, um passinho de cada vez, com a mão tateando as grades na frente das casas por segurança, mas devo ter errado em algum ponto.

*Não entre em pânico*, falei para mim mesma. No fim das contas, eu ia chegar a um lugar que reconhecia e daria tudo certo. O problema era que não havia mais ninguém na rua e era impossível ler as placas. Elas também tinham desaparecido nas trevas sobre a minha cabeça. Eu não tinha escolha a não ser continuar em frente. Sem dúvida acabaria chegando a Knightsbridge e à Harrods. Eu veria luzes nas vitrines das lojas. A Harrods não ia

fechar por causa de um neveirozinho. Não importava como estivesse o clima, haveria gente suficiente em Londres exigindo seu *foie gras* e suas trufas. Mas a Harrods não apareceu. Por fim, cheguei ao que parecia ser um jardim. Não consegui distinguir qual. Não era possível que eu tivesse atravessado Knightsbridge e chegado ao lado do Hyde Park, não é?

Comecei a ficar muito apreensiva. Foi aí que percebi os passos atrás de mim – passos baixos e constantes, seguindo o ritmo exato dos meus. Eu me virei, mas não consegui ver ninguém. *Deixe de ser boba*, falei para mim mesma. O som podia ser só um eco estranho produzido pelo neveiro. Voltei a andar, parei de repente e ouvi os passos continuarem por mais um tempinho antes de também cessarem. Passei a caminhar cada vez mais rápido enquanto minha mente conjurava o tipo de coisas que aconteciam no meio da névoa nas histórias de Sherlock Holmes. Tropecei num meio-fio, segui em frente e, de repente, senti um grande espaço escancarado diante de mim antes de colidir com uma espécie de barreira dura.

Onde diabos eu estava? Tateei a barreira, tentando visualizá-la. Era feita de pedra fria e áspera. Havia um muro em volta do Serpentine no Hyde Park? Senti uma umidade fria se elevar até as narinas e um cheiro desagradável de vegetação podre. E um barulho de água batendo. Eu me inclinei para a frente tentando identificar o som que ouvia lá embaixo, imaginando se deveria subir no muro para fugir de quem estava me seguindo. Logo depois, o meu coração quase saiu pela boca quando a mão agarrou o meu ombro por trás.

## CONHEÇA OS LIVROS DE RHYS BOWEN

A ESPIÃ DA REALEZA

A espiã da realeza

O caso da princesa da Baviera

A caçada real

O mistério da noiva da Transilvânia

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

